

QUEM ESPERO NÃO ENCONTRAR NO MÉXICO

QUANDO esta crônica sair, estarei no México, nesse vôo inaugural da linha Rio-Los Angeles, da Real-Aerovias. Resolvi não ir até os Estados Unidos para poder passar alguns dias no México, velha aspiração. Levo um susto secreto: esbarrar em rua com o Vasconcelos...

Esse Vasconcelos não é o famoso; era um antigo professor que tomou parte em muitos entreveros da revolução mexicana, e tinha o corpo cheio de balas e sinais de balas. Quando a revolução começou a se estabilizar, o Vasconcelos continuou tocando para a frente (ou para a esquerda) e acabou anarquista. Além disso, lhe acontecia às vezes beber um pouco mais do que um bêbedo comum. Foi certamente para se ver livre dêle que um ministro da Educação do México, seu antigo companheiro de lutas, o mandou em missão cultural por tôda a América Latina. E um dia êle foi, bater, muito grave e um pouco tímido, à minha mesa de redação em São Paulo.

A mando do secretário fiz uma pequena entrevista com o homem e, como estava na minha hora de sair, saímos juntos — e ficamos amigos. Espero que o Vasconcelos esteja vivo, forte e feliz, mas, como já disse, também espero não o encontrar em uma rua do México.

Sem beber, era uma flor. Bêbedo, era um rosário de estrepolias e estrupícios. Pregava o anarquismo, insultava o comércio local e os governos em geral, e ainda por cima ficava noivo. Tive de tirá-lo da cadeia mais de uma vez, com ajuda de um repórter de Polícia. De uma feita saiu pela Avenida São João derrubando a pontapés todo caixote de maçãs ou peras, alegando que eram frutas burguesas,

e dando vivas à banana, fruta do povo, de todos los pueblos de Latinamérica.

Uma vez, na redação, propôs que todos declarássemos greve até que se harmonizasse a situação política do Brasil e do mundo. A idéia não era injusta, nem má, mas não sei se agüentariamos a greve até hoje: já se passaram mais de 20 anos...

Um dia, Vasconcelos falou em ir para Belo Horizonte. Mais que depressa lhe arranjei um passe da Central, pus algum dinheiro em seu bôlso e o levei à estação. Por volta de meia-noite êle tornou a aparecer na redação, já novamente bêbedo. Da segunda vez não o abandonei enquanto o trem não saiu. Soube que êle chegou lá perfeitamente bem, e assim ficou vários dias; com suas credenciais conseguiu vender uma centena de exemplares de um livro de sua autoria (anarquista, naturalmente) ao honrado govêrno mineiro, e ficou em um hotelzinho por conta do Estado. Depois voltou a beber, e iniciou uma campanha pela fundação de um sindicato das senhoras da Rua Guaiacurus e Avenida Oiapoque, cujos pecados eram, segundo explicava, frutos do regime capitalista.

No carro que um colega meu de Minas, a quem eu o apresentara, havia pôsto à sua disposição, êle assombrou o *chauffeur* chamando um apanhador de papel, que passou duas horas percorrendo as ruas em automóvel a apanhar jornais velhos, enquanto ouvia a doutrinação do Vasconcelos. Dava tantos abraços no pobre e sujo homem, abraços e beijos na face com protestos de fraternidade, que o motorista disse depois, desconfiado, a meu amigo:

— Eu acho que aquêle gringo é...

Mas isso até que o Vasconcelos não era não.